

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS PEQUENOS GRANDES MUNDOS DE NICOLAS PHILIBERT
4 e 27 de Novembro de 2023

LA VILLE LOUVRE / 1990

um filme de NICOLAS PHILIBERT

Realização: Nicolas Philibert / Argumento: Nicolas Philibert / Fotografia: Richard Copans, Daniel Barraud, Frédéric Labourasse, Eric Millot, Eric Pittard/ Som: Jean Umansky / Montagem: Marie H. Quinton, Nicolas Philibert / Música: Philippe Hersant.

Produção: La Sept Cinema, Films Antenne 2, Musée du Louvre, Les Films d'Ici / Direcção de Produção: Martine Durand / Produtores delegados: Serge Lalou, Dominique Païni / Cópia: em DCP (original em 35 mm), cor, 85 minutos, versão original em francês, com legendas em inglês e electrónicas em português / Estreia mundial: 21 de Novembro de 1990, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 1 de Julho de 2009, Ciclo “O Cinema no Museu”.

Com a presença de Nicolas Philibert na sessão de dia 4

Como tão bem afirmou Nicolas Philibert a propósito desta sua segunda longa-metragem: “LA VILLE LOUVRE não é um filme de arte, como não é uma reportagem de tipo sociológico sobre pequenos ofícios. Quis contar uma história a partir de um material vivo, transfigurar o real para criar emoções; filmei as pessoas do Louvre como filmaria um bailado”. Na realidade LA VILLE LOUVRE não é um filme “de arte”, como tantos outros realizados no museu, entre os quais o belíssimo UNE VISITE AU LOUVRE de Jean-Marie Straub e de Daniëlle Huillet (que escapa ele próprio a este tipo de categorização), nem é uma reportagem sobre a instituição, mas uma obra que ultrapassa a fachada deste grande museu e se concentra num dos seus lados “secretos”, habitualmente resguardado do olhar do grande público: os gestos e as pequenas narrativas de quem opera diariamente nos seus bastidores, sejam eles seguranças, serralheiros, bombeiros, conservadores, pintores..., como enumera o genérico final do filme.

Se o enfoque sobre o quotidiano de uma pequena “comunidade” é uma das principais características de LA VILLE LOUVRE, esta será uma característica que se tornará recorrente em todo o cinema posterior de Philibert, pois se em LA VILLE LOUVRE e em UN ANIMAL, DES ANIMAUX essa comunidade reporta às equipas dos respectivos museus (UN ANIMAL, DES ANIMAUX dirá respeito à Galeria de Zoologia do Museu Nacional de História Natural francês), em LA MOINDRE DES CHOSES o cineasta filmará um grupo associado a um projecto teatral de um hospital psiquiátrico, e em ÊTRE ET AVOIR centrar-se-á sobre as relações entre um professor e os seus alunos numa escola de província. Mas todos eles são também filmes que, não obstante retratarem pequenos microcosmos, ultrapassam largamente o quadro estrito dos mundos que representam.

Rodado durante uma grande remodelação do museu, que teve lugar no final da década de oitenta, LA VILLE LOUVRE tem como origem um convite dirigido pelo museu a Nicolas Philibert para acompanhar a deslocação para as salas de exposição de várias pinturas de grandes dimensões que se encontravam nas reservas. Fascinado pelo potencial do Louvre,

Philibert prolongou o que seriam filmagens de poucos dias numa rodagem que duraria vários meses, o tempo necessário para o conhecimento do universo filmado e para a construção daqueles que filma como personagens. É importante falar-se de “construção” e de “personagens” quando se aborda o cinema de Philibert, pois é a isso que o realizador se refere quando utiliza expressões como “transfiguração do real” ou “contar histórias a partir de material vivo”.

Centrando-se na vida interna deste espaço fechado temporariamente ao público, Philibert revela-nos um gigantesco monumento arquitectónico em permanente diálogo com tudo o que encerra em si mesmo, sejam as inúmeras obras que fazem parte da colecção do museu, sejam todos aqueles que delas se ocupam. E “encerrar” é o termo certo, pois a todo o filme preside uma ideia de clausura imposta pela arquitectura do lugar. Nesse sentido não podemos deixar de pensar num tempo descrito por Goethe como aquele em que as obras permaneciam nos locais para os quais eram criadas, condição ameaçada por uma nova entidade artística que estava a ser criada em Paris (o Louvre). Museu que, tal como todos os outros museus, viria a sequestrar as obras do “mundo profano” ao mesmo tempo que as aproximaria das suas rivais. E é desta condição do museu moderno, tão bem definida depois de Goethe por André Malraux, que também trata o filme. Condição particularmente explícita na forma como Philibert filma as reservas e a reorganização das salas de exposição, sobretudo nos momentos em que os vários conservadores decidem o que apresentar e como apresentar, distribuindo as obras pelas várias salas ou recorrendo ao catálogo do museu (o museu imaginário do próprio Louvre).

A sensação de encarceramento que domina o filme deve-se em grande parte à subtileza com que é tratada a sua matéria sonora. Se vários dos filmes de Philibert se organizam em torno da questão da língua e do som (LE PAYS DES SOURDS é o caso paradigmático como indicia o próprio título), no caso de LA VILLE LOUVRE Philibert acabará por procurar tirar o máximo partido das limitações da acústica do museu. Um interessante exemplo da exploração da deformação do som imposto pela forte reverberação do local é a longa sequência em que uma arqueóloga percorre uma longa extensão de corredores e de labirintos subterrâneos, cuja força e ritmo deriva, em primeira instância, da sonoridade regular dos seus passos que ecoam pelo espaço do museu. A opção pela inclusão de diálogos inaudíveis e o seu consequente efeito cómico, é também ela bem demonstrativa do inteligente aproveitamento por parte de Philibert dos constrangimentos sentidos ao nível da captação sonora.

No início do filme descortinamos através da luz de uma lanterna pormenores de esculturas e de pinturas que, na escuridão, parecem animar-se, anunciando um filme povoado por fantasmas. Fantasmas que circularão pelos corredores do Louvre que, de uma certa forma, se aproximam dos “verdadeiros” fantasmas que se passeiam pelos corredores obscurecidos de um outro museu parisiense, o Musée Grévin, retratados por Jacques Demy numa curta-metragem que, na primeira passagem de LA VILLE LOUVRE na Cinemateca, num ciclo intitulado “O Cinema no Museu”, completava esta sessão. Neste contexto, se a sequência final de LA VILLE LOUVRE, em que vários funcionários em pose olham fixamente para a câmara em planos igualmente fixos, é frequentemente conotada com um triunfo dos “vivos” sobre as “naturezas mortas”, poderemos dizer que é talvez aí que o cinema de Philibert alcança a indistinção.

Joana Ascensão